

Gonçalez acha viável um novo choque

SILVIA FARIA

BRASÍLIA — Único remanescente, no Governo, dos três choques heterodoxos experimentados no País, onde atuou como mentor e executor, atualmente assessor especial do Ministério da Fazenda, Cláudio Adilson Gonçalves ainda acredita na viabilidade do choque, desde que seguido de reformas estruturais na economia, nunca adotadas. Ele defende uma reestruturação qualitativa do papel do Estado, mas não a redução do seu tamanho, por causa das imensas disparidades regionais e sociais do País, e diz que o ajuste econômico não pode ser pago pelo assalariado, através do arrocho salarial, ou da elevação do Imposto de Renda.

De malas prontas para deixar o Governo, onde chegou com o ex-Ministro João Sayad, em 1985, e com planos para abrir uma empresa de consultoria, Gonçalves diz que o problema econômico brasileiro é político e o próximo Governo, com credibilidade, poderá resolvê-lo.

O economista acha que os choques

heterodoxos nunca deram certo porque as demais medidas de combate ao déficit, em relação aos cartéis e monopólios, nunca foram adotadas, por problemas políticos. Os três choques — Cruzado, Bresser e Verão — fracassaram, segundo Gonçalves, porque partiram do princípio equivocado de que a inflação era apenas inercial e não adotaram medidas para atacar suas outras causas estruturais, como a redução do déficit; da dívida externa; e a abertura do mercado ao exterior.

Ele afirma que o atual Governo está deixando a economia com um nível de reservas folgado para promover o início da abertura do mercado. Deixa as tarifas públicas alinhadas, um avanço considerável no trabalho de abertura do mercado nacional, o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) e um nível de desemprego reduzidíssimo.

— A economia brasileira vai bem, apesar dos problemas de curto prazo graves — diz, fazendo uma comparação com o problema de obsolescência do parque industrial argentino, o nível crítico de reservas daquele país e a falta de confiança em sua moeda.